

Semana inglesa gera 20 mil cortes no comércio

Dida Sampaio

Assim que começar a vigorar a semana inglesa para o comércio, três mil funcionários de supermercados estarão na rua. Essa é a previsão do presidente da Associação dos Supermercados de Brasília, Edson Tomaz, incluída na estimativa de 20 mil dispensas feita pelo presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Brasília, Lázaro Marques Neto. Segundo Lázaro, nos shoppings, cujas vendas no sábado correspondem a 50% do movimento da semana, as dispensas corresponderão até a 100% de um turno inteiro. Nos supermercados serão 30% dos empregados. E nos dois casos, os primeiros atingidos serão seguranças, pessoal de limpeza e asseio e de reposição de mercadorias.

O vice-presidente da Associação Comercial do DF, Almir Gomes, analisando prós e contras, admite que a semana inglesa também trouxe benefício. Ela veio regularizar o horário de funcionamento do comércio das 8h00 às 22h00, de segunda a sexta. "Isso já vinha acontecendo, mas, na realidade, o comerciante necessitava de uma licença especial, pois o horário legal sempre foi de 8h00 às 18h00", esclareceu.

Sábados
Em contrapartida, o encerramento do expediente comercial às 12h00 aos sábados vai gerar sérios problemas. Principalmente nas cidades-satélites, cujo comércio chega a abrir aos domingos para atender a população rural, que só pode fazer compras nos finais de semana.

Os centros comerciais do Plano Piloto, segundo ele, como Conjunto Nacional, ParkShopping e Venâncio 2.000, no sábado à tarde, vendem 50% ou mais do que durante a semana inteira. Com seu faturamento reduzido, o comerciante terá que reduzir custos, o que fatalmente acarretará demissões. "Essa medida deve ser repensada, pois prejudica comerciante, comerciar, consumidor e inclusive o governo que arrecadará menos impostos", argumenta Almir.

O presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques, salienta que os shoppings sempre abriram às 10h00, "pois ninguém vai fazer compras às 8h00". "Estamos analisando se valerá a pena abrir aos sábados apenas por duas horas. O período seria muito pequeno para se conseguir um faturamento que cobrisse o custo operacional que essas duas horas acarretariam.

Lázaro diz que seu sindicato propõe que a jornada aos sábados seja de oito horas. "Já estamos tentando contato com os deputados Jorge Cauhy e Maurílio Silva". Determinado o expediente de oito horas, o comércio, de acordo com a proposta de Marques, poderá abrir num horário mais conveniente à comunidade e localidade em que esteja estabelecido (estas informações foram prestadas antes da votação do projeto — veja matéria abaixo).

"Além de prejudicar violentamente o comércio das cidades-satélites, a semana inglesa vai atrapalhar em muito o comércio de entrequadra", acrescenta Marques. O comerciante de entrequadra não dispõe de segurança para trabalhar até as 22h00 durante a semana. Seu faturamento basicamente se restringe aos sábados. A noite, quem faz compras gosta de ver vitrines, mas nos shoppings. "Essa medida só incentiva o ambulante, pois muitos lojistas vão acabar virando camelôs e feirantes", disse Marques.



Aroldo Satake apresentou emenda ao projeto da semana inglesa, rejeitado pelo plenário

Câmara aprova projeto em 2º turno

A Câmara Legislativa aprovou ontem, em segundo turno, projeto de lei do deputado Cláudio Monteiro (PRP) instituindo a semana inglesa no Distrito Federal. A principal modificação no horário de funcionamento do comércio, segundo o projeto, é o fechamento dos estabelecimentos comerciais, inclusive os supermercados e os shoppings no meio-dia dos sábados. A redação final do projeto será votada hoje e, em seguida, será encaminhada ao governador Joaquim Roriz.

O líder do governo na Câmara, deputado Maurílio Silva (PTR), afirmou, contudo, que Roriz poderá "vetar parcialmente o projeto". Segundo Maurílio, o artigo quarto do projeto "traz algumas inconstitucionalidades". O líder não explicou, entretanto, quais são elas.

O autor do projeto, Cláudio Monteiro, e o seu relator, Geraldo Magela (PT), afirmaram que se houver veto de Roriz à semana inglesa, ele será derrubado em plenário. "Se o governador vetar o projeto, ele vai passar pelo vexame de ter o seu veto derrubado", disse

Magela. "Se vetar, derrubamos", afirmou Monteiro. Para derrubarem o veto, é necessário que dois terços dos deputados — 16 parlamentares — votem contra.

O governador Roriz, porém, ainda não se pronunciou sobre o assunto. Disse apenas que prefere estudar detalhadamente o projeto, para depois emitir sua opinião.

Emendas
Foram apresentadas e votadas ontem 11 emendas ao projeto aprovado em primeiro turno. Cinco foram aprovadas e seis rejeitadas. As aprovadas não modificam substancialmente o texto de Cláudio Monteiro. Uma delas dá competência ao Poder Executivo para fiscalizar o cumprimento dessa lei, outra possibilita que não só os açougues funcionem no sábado à tarde, mas também as peixarias e lojas que comercializam carne de frango. A venda de hortifrutigranjeiros também mereceu uma emenda que foi aprovada.

O relator Geraldo Magela deu parecer contrário às emendas apresentadas pelos deputados Jorge

Cauhy (PL), Tadeu Roriz (PSC), Salviano Guimarães (PFL), Maria de Lourdes Abadia (PSDB), Aroldo Satake (PDS) e Edmar Pirineus (PDT). Magela entendeu que essas emendas desfiguravam a proposta da semana inglesa.

A emenda de Tadeu Roriz, por exemplo, possibilitava a abertura do comércio nos sábados e domingos, desde que trabalhassem funcionários contratados especialmente para esses turnos. Foi rejeitada pelo plenário. Tadeu apresentou outra emenda: horário de funcionamento aos sábados até as 18h00, respeitadas as 44 horas semanais dos comerciantes. Também foi rejeitada, assim como a de Salviano Guimarães, que propunha o horário, aos sábados, até as 14h00.

A emenda de Cauhy, derrotada, previa o funcionamento do comércio nos finais de semana que antecessessem datas festivas, como o Natal, Dia das Mães, dos Pais, crianças, namorados, Páscoa e Carnaval. Abadia propôs que as locadoras de vídeo pudessem funcionar no sábado à tarde. Foi derrotada.

Jornada terá modificações

O projeto da Semana Inglesa, aprovado em segundo turno pela Câmara Legislativa, aumenta a carga horária dos comerciantes nos dias de semana. Pela legislação em vigor, o comércio funciona de segunda a sexta-feira das 8h00 às 18h00. Somente os supermercados e shoppings estão hoje autorizados a funcionar até as 22h00.

De acordo com o projeto, todos os estabelecimentos comerciais terão de fechar as portas ao meio-dia dos sábados, a exceção dos postos de combustíveis, hospitais, farmácias e drogarias, padarias, oficinas, restaurantes, bares, sorveterias, cinemas, teatros, boates. Também podem funcionar nos finais de semana açougues e similares, venda de frutas, verduras, flores e coroas, feiras livres, serviços de transportes e funerárias. Com a aprovação do projeto, o horário do comércio passa a ser das 8h00 às 22h00 nos dias úteis e das 8h00 às 12h00 nos sábados.

Estimativas são contestadas

Os deputados Cláudio Monteiro (PRP), autor do projeto, e Geraldo Magela (PT), relator, contestaram a afirmação do presidente da Associação dos Supermercados de Brasília, segundo a qual 3 mil funcionários serão demitidos assim que a lei da semana inglesa entrar em vigor. Magela disse que prefere interpretar o pensamento dos empresários como o de uma "forte indignação" e não como um "ato pensado".

O deputado petista lembra que o artigo quarto do projeto prevê a possibilidade de negociação entre as empresas e os sindicatos de trabalhadores. Cláudio Monteiro, entretanto, aposta numa possível mudança de hábito dos consumidores. Para ele, os supermercados não perderão clientes. "Quem ia fazer compras nos sábados à tarde ou à noite, vai passar a comprar durante a semana à noite ou no sábado pela manhã", acredita Monteiro.

Expressão foi criada na Itália

A expressão "semana inglesa" foi utilizada pela primeira vez em 1930, na Carta del Lavoro (Carta do Trabalho) outorgada pelo ditador italiano Benito Mussolini, dando aos trabalhadores urbanos da Itália a mesma jornada de trabalho dos mineiros ingleses.

Em 1889, os mineiros da Inglaterra fizeram uma longa greve. Ao se aproximar do inverno, o governo inglês constatou que não havia carvão suficiente para a calefação das residências. A Câmara dos Lordes entrou na negociação.

O projeto aprovado ontem na Câmara, no entanto, abre uma brecha para a negociação entre comerciantes e comerciantes. Segundo prevê o seu artigo quarto, "mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho, firmados entre o sindicato laboral e empresas ou sindicatos patronais, o comércio varejista em geral poderá funcionar em horário diverso do estabelecido nessa lei".

Opinião dos consumidores

Maria Alves dos Santos Viana é copeira do Conselho Regional de Administração e sempre faz suas compras aos sábados à tarde, quando aproveita para passear observando as vitrines dos shoppings. "É até relaxante", diz ela.



Luiza Brito Oliveira, que trabalha com vendas, diz que, nas manhãs de sábados, os supermercados ficarão congestionados. "Vai ser uma correria. E quem não acorda cedo aos sábados por causa da farra de sexta-feira vai ficar prejudicado".



Nei Araújo, que por coincidência é comerciante, como consumidor não concorda com uma medida que o impede de fazer compras aos sábados, não só para abastecer sua casa como também sua confeitaria. Como comerciante, ele acha a medida desastrosa.



Márcio de Souza, funcionário público é contra a semana inglesa porque ela reduz as opções de compras e de lazer do brasileiro. "Tem gente que gosta de fazer compras e sem pressa".



Maria de Lúcia Rodrigues, corretora de imóveis, levanta uma questão: "Será que vai funcionar aqui?". Quem trabalha a semana inteira, segundo ela, tem nas compras uma opção de lazer.



Luciano Ribeiro da Silva diz que trabalha com comércio, mas que não é nem comerciante nem comerciar. Ele acha que o comerciar merece um descanso, mas admite que esse descanso acarreta transtornos para o consumidor.



Manoel Vieira, taxista, fez pose de quem queria falar bastante a respeito da semana inglesa. Mas logo chegou um passageiro e ele, apressado, para não perder a corrida, só teve tempo de gritar: "Sou desfavorável!".



Paulo Rodrigues, funcionário público, não acredita que a semana inglesa afete tanto o consumidor. "Mas pode gerar desemprego. E os empresários vão fazer pressão para não dar certo".



Fotos: Dida Sampaio